

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
E. JULIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAS

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
A N.º XIII

Melgaço, 1 de Junho de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 168

Postal do Correio

Reverendo Padre Júlio!
Amigo!

Pede-me na sua carta duas palavras para o aniversário da "Voz de Melgaço", da nossa "Voz". E só duas lhe poderei mandar, tão atarefado se anda agora, na hora agitada do presente. Defeito ou erro de certos homens que durante o fragor de qualquer refrega, se não mantêm em cómodas posições da rectaguarda, pensando como certos — e vá lá — do nosso meio, que Deus é bom, mas pode o Diabo não ser má pessoa. São os tais... capicuas!... Mas que aparecem sempre para os "brilharetes", não tenhamos dúvida. Compreendido?...

Reveja essa tarde longínqua em que numa das salas do Hospital de Melgaço, lançamos as bases e as directivas do nosso trabalho. Eu, que me encontrava em férias, nos subúrbios da Linda Vila, mereci a honra de convite, modesto escrevinhador. Era mais moço, bastante mais! E ao olhar agora o caminho percorrido, noto com satisfação que não nos desviamos nem um milímetro da trajectória prevista. Os que o fizeram, ou não tiveram coragem de o palmilhar com a independência que estas coisas da "Imprensa Regional" impõem, ou ficaram pelo caminho, por não quererem desgostar amigos ou confessar erros. Não nos causaram dano, pois não os vemos à altura do problema.

Temos tido campanhas, mas leis e frente a frente, à luz clara do sol, não olhando a nomes que possam impressionar, pelo menos na aparência. Defendendo os fracos, os sem nome e da rua como nós. Somos afinal, os defensores da "igualdade", da "fraternidade" e até mesmo da "liberdade", que a temos e que a há — digam o que disserem — para podermos dizer sem subterfúgios e cabeça erguida, o que parece estar mal, mas dentro da ordem e do respeito, sem pedradas às forças da disciplina, como tentam fazer os outros em certos casos, que não vem para o caso... Quem diria que somos os "democratas" melgaçosenses?!

Não nos tem cabido nas colunas o elogio barato, nem mesmo ocultamos nomes por maldade ou não, em coisas muito sérias e muito sentimentais da vida, como a nós nos fizeram. A tal pedra que nos atiraram, que resvalou e a que, em réplica, demos ao irresponsável ou irresponsáveis, o correctivo necessário e merecido.

Que Deus nos dê vida e saúde e estejam certos que não teremos dúvidas de afirmar e apontar erros, seja a quem for, dentro do respeito, da educação e das boas maneiras.

Reparou que nos intercalamos no "nós", da Redacção? E' porque vimos da primeira hora e sentimo-nos bem ao lado dos homens que sabem combater e lutar pela Justiça, pelo bem comum e da sua terra, pela amizade, concórdia, amor e caridade, mas nesta, mais pela oculta, que é de Deus, do que por aquela que, sendo-o também, faz barulho para as notas de elegância, para chamar a atenção, para repercutir. E' caridade, sem dúvida, mas menos cristã, porque não encontra a esquerda a tapan o que deu a direita...

Paciência, só você Amigo, nestes e muitos outros casos que aí ficam, os poderá absolver em confissão, que das nossas bandas lhe perdoamos, ou antes, não ligamos importância... Continuemos, com a ajuda de Deus e por mais um ano que começa!

Do amigo da "primeira hora",

Abel Varela e Seixas

Eleições

Presidenciais

Por quem voto?

No próximo domingo realizam-se as eleições para a Presidência da República.

Apresentaram-se três candidatos: contra-almirante Américo Tomás; general Humberto Delgado; dr. Arlindo Vicente.

Este último, o dr. Arlindo Vicente, desistiu da candidatura a favor do general Humberto Delgado.

Há, portanto, dois candidatos à Presidência da República: contra-almirante



Contra-almirante
Américo Tomás

Américo Tomás e general Humberto Delgado.

Ora o Sr. general Humberto Delgado aceitou a colaboração com os comunistas, aceitando a desistência a seu favor do dr. Arlindo Vicente.

Nestas circunstâncias, e porque o Sr. comandante Américo Tomás garante os direitos fundamentais da Igreja, eu como católico e como português voto no Sr. comandante Américo Tomás.

J. V.

Conheçamos a nossa terra

LXXXI

Mosteiro de Santa Maria de Fiães-2

Como disse, não conheço razões para crer que o mosteiro de Fiães tenha sido primitivamente consagrado a S. Cristóvão, porque não encontro ainda qualquer documento ou referência garantida da sua existência anterior ao século doze. Não quero isto dizer que não possam vir a aparecer.

O mosteiro de Fiães, tal qual o posso apreciar, é fundação ou pelo menos ressurgimento da primeira metade desse século e só na segunda metade é que ele se desenvolveu.

Como fossem os seus princípios não sei.

Alguém que se retirasse aos montes a fazer penitência de qualquer remorso ou na aspiração de uma vida mais perfeita longe do bulício do mundo?

Ramificação de qualquer outro mosteiro cuja notícia não tenha chegado até nós?

Fundação de qualquer pessoa ou família nobre na ânsia de bem fazer ou na jactância de engrandecer a sua memória?

De qualquer modo que fosse, não resta dúvida que o mosteiro muito ficou a dever a um fidalgo de nome Afonso Pais nomeado pelos escritores que se tem ocupado de Fiães e comprovado pelos documentos.

Antes de prosseguir, quero testemunhar o meu agradecimento ao sr. Dr. P.e Avelino de Jesus da Costa, contemporâneo do Seminário e actualmente assistente da Faculdade de Letras em Coimbra, que, além de muitas outras atenções, me facilitou os microfílmicos do Cartulário de Fiães arquivado em Braga para enriquecer a minha bibliotecazinha com as respectivas fotocópias em tamanho natural.

Com paciência e calma organizei um ficheiro cronológico das quatro centenas de documentos, que foram trasladados em parte segundo as terras a que dizem respeito e em parte segundo a aplicação das rendas.

Consegui reatar a sequência de alguns documentos cuja continuação fica em folha distante devido à má compilação, e identificar algumas repetições. Alguns documentos testemunham outorgamento àqueles que mais tarde outorgaram ao mosteiro, mostrando assim que eles eram legítimos donos.

Segundo a organização social e territorial desses recuados tempos, Fiães estava na Terra de Valadares, julgado do mesmo nome, de que veio a desmembrar-se o concelho de Melgaço mercê da sua praça forte e do seu foral que datam do tempo de D. Afonso Henriques.

Eclesiasticamente Valadares era um arcediagado, benefício da Sé de Tui cujo bispado abrangeu as terras portuguesas de entre o Minho e o Lima até aos princípios do século quinze. Os documentos citam as diversas autoridades segundo a praxe do tempo e eu procurarei fazer-lhes referência para se ir vendo a sua sucessão.

Precisamos conhecer um pouco a terminologia e a organização dos mosteiros.

A palavra *mosteiro* tanto designa o conjunto de edificações constituído pela igreja e prédios anexos para habitação dos monges e respectivas dependências, como serve para individualizar a instituição. Na organização da colectividade apareceu-nos o D. Abade, pessoa de plano su-

(Continua na 2.ª página)

Da Vila

Maio, 26.

Festa da Ascensão — Conforme noticiamos, realizou-se, no pretérito dia 15, nesta Vila, a tradicional festividade em honra da Ascensão de Nosso Senhor e de Santa Maria da Orada, a qual decorreu com mais brilho do que o que era de esperar — embora muito menos brilhante que em outros tempos. Constatou, pois, de concorridíssima procissão luminosa na véspera, para acompanhar a veneranda imagem de Nossa Senhora da Orada da sua igreja para a Matriz, e no dia missa solene a grande instrumental com sermão pelo digno Abade de Chaviães, sr. P.e Albertino Pereira, saindo de tarde uma magestosa procissão para a referida igreja da Orada, donde regressou pouco depois.

Foi abrilhantada por uma das filarmónicas de Riba de Mouro, teve muito fogo e boa concorrência de forasteiros.

Futebol — No campo de jogos do Monte de Prado, realizou-se, no passado dia 18, um desafio amigável entre o "Sport C. Melgaense" e o Grupo Desportivo "Jolda da Madalena", de Arcos de Valdevez, saindo vencedor o primeiro pelo score de 7-2, diferença por demais expressiva, que bem demonstra o desnível dos respectivos grupos contendores e que dispensa comentários.

O tempo e a agricultura — Nunca no mês de Maio nos lembra de ver tempo tão agreste e chuvoso como o que está fazendo, pois basta dizer-se que ontem nevou abundantemente no monte de Pernidelo!!!... Não há dúvida, o tempo anda trocado e a continuar assim o vinho que já se vende a 6\$00 o litro, no próximo ano custará 20\$00 igual medida. A não ser... a não ser que trabalhe rijo o "martelo".

— Agora, aos interessados, lembramos que em Junho podem semear: — agriões, alfices, beterraba para salada, cenouras, chicória, couves diversas (especialmente bróculos), ervilhas (x), feijões (x), mostarda, nabos (fim do mês) (x), rabanetes (x), salsa, etc..

— Nas terras de lima ainda se podem plantar batatas; sulfatagem, enxofrações, sachas, mondas e regas frequentes; capar os melões, ceifar os centeios e semear as terras de lameiro e pragana, e vigiar as colmeias, recolhendo os enxames novos.

(x) — Onde haja água com abundância.

Pelo S. Barnabé (11) seca a palha pelo pé.

Mosteiro de Santa Maria de Fiães

(Continuação da primeira página)

perior, e o convento constituído pelo conjunto dos monges. O D. Abade exerce de modo especial os poderes jurisdicionais. Para os exercícios administrativos apparecem-nos o Prior.

Em algumas ordens não havia o D. Abade e por isso era o D. Prior a primeira autoridade.

O D. Abade preside nos mosteiros beneditinos e seus derivados. Nos agostinianos e outros é o D. Prior.

Vamos encontrar em vários documentos a menção de diversos cargos: o sacristão responsável pelas alfaias e objectos do culto, o celeireiro encarregado dos celeiros, o adegário, o estabulário, o capelão, o cantor encarregado de ensinar e dirigir os cânticos, o mestre-escola encarregado do ensino etc..

Os mosteiros não eram colmeias de preguiçosos e indolentes como alguém julga. Foram os repositórios das ciências, artes e letras durante muitos séculos. Os monges executavam e dirigiam os seus trabalhos nas formas mais variadas.

Trabalha e reza era o lema especial dos beneditinos. Na dependência dos mosteiros havia a cultura de muitas terras, umas trabalhadas pessoalmente pelos monges, outras pelos servos da gleba ou por assalariados, e outras por arrendatários ou foreiros.

Tal qual como hoje nos grandes trabalhos, também nos mosteiros havia o ferramenteiro para fazer a entrega e recolla das ferramentas e zelar a sua conservação.

Anexas ao mosteiro havia também dependências para enfermos e peregrinos. No cartulário de Fiães apparecem-nos a certa altura este título: "*Istas cartas sunt de infirmaria*".

O problema escolar

(Continuação da 4.ª pág.)

muito mal. Os mais fracos virão de pensar que se fosse em propriedades suas, nem se perderia tanto tempo, nem se gastariam tantas palavras. A verdade, verdade real e construtiva, de ordem e de disciplina, deve dizer-se com a claridade que merece. Por nós, pobre escrevinhador provinciano e amador, há longos anos, sem interesses e sem recebermos dez centavos, sempre temos pugnado pelo Estado que nos governa e pelo prestígio das suas Instituições, na frágil medida das nossas forças. Não estamos arrependidos porisso, graças a Deus! Não obedecemos a qualquer grupo clientela, somos uma espécie de franco-atirador. Confiamos em V. Ex.cia que, no início da sua carreira administrativa deve estar a ver os problemas com a calma fria e positiva o que lhe permitirá, neste como noutros casos, apresentá-lo a Sua Exceclência o Senhor Ministro, se for caso disso, dada a aprovação do "Plano" e o parecer, se for preciso, da muito digna Direcção Escolar do Distrito.

Por nós, pode V. Ex.cia contar com o nosso mais que modestíssimo apoio e a continuação desta campanha esclarecedora, até à hora triunfal do lançamento da primeira pedra.

Não vemos outro local e até a própria expropriação, se a ela houver lugar, deve ser mínima, pois como disse-mos na "carta" anterior, baseando-nos na afirmação que o proprietário do terreno teve para nós: os terrenos em Melgaço, valem pouco. O simples valor da matriz, ou pouco mais. E sendo assim, é mais interessante inscrever o nome no rol dos beneméritos, ofertando-o.

Continuaremos. Melgaço, quer queiram, quer não, estamos ligado a ela por legítimos e reais direitos; e mesmo que assim não fosse, somos portugueses. Continuaremos, enquanto chegarem até nós os aplausos e incitamentos ou nos convenceremos que andamos por caminho errado. Somos pobre, não temos para viver mais que os nossos honorários e porisso e porque conhecemos o sacrificio de quem luta pela vida, sentimos os desabafos dos pequenos como nós, perante por vezes a tirania dos mais fortes. Não desistiremos, nestes como noutros óbices que a vida nos traga e tal como César, na passagem do Rubião, agora de por onde der, o meu caminho está traçado: — "Alea jacta est!" Sem animosidades, sem rancores, mas à portuguesa e à minhota! E' preciso construir a Escola! Porque esperamos?

Abel Varela e Seixas

Por Paderne

Na noite do dia 25, pelas 23 h. manifestou-se incêndio no moinho da Ponte de Lagos, de quem é moeira a Sr.a Maria Saraiva, viúva, do lugar do Barral.

Como a essa hora a meizma Sr.a estivesse a dormir, quando deu pelo fogo e tentara fugir, viu que o mesmo vinha do lado da única porta.

Aos seus gritos aflitivos compareceram alguns populares, evitando assim uma morte certa.

Como recebeu muitas queimaduras, principalmente nas mãos, foi receber curativo à Santa Casa da Misericórdia da Vila.

DIA 26 — DIA DE SANTA RITA. — Embora a manhã se apresentasse bastante chuvosa, como tinhamos prometido, lá fomos até Vilaça. Não foi a gente que contava, pois devia de subir de uma centena a que tinha o farnel feito, mas o medo fez desistir muitos.

Nós menos medrosos lá fomos pagar as nossas promessas, e sorte tivemos pois não nos molhamos, pois a tarde esteve muito escapatória.

Que a Milagrosa Santa Rita permita que para o ano voltemos. — C.

Sociedade Aniversários

FAZEM ANOS: — Hoje a sr.a D. Esmelinda de Faro Radita e o sr. Agostinho Alves; no dia 5 o sr. P.e Justino Domingues; no dia 9 a sr.a D. Rosa Rodrigues Gomes Domingues e o sr. Alberto José de Caldas; no dia 10 a sr.a D. Carolina Augusta Gonçalves de Carvalho e o sr. Luis Henrique Pinheiro; no dia 12 a meni na Rosa de Lourdes Caldas; no dia 14 os srs. António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira, e no dia 15 o sr. eng. Edgar Tito Pinto Ribeiro.

D. ROSA RODRIGUES PEREIRA — Em viagem de digressão e com demora de um mês, pela Espanha, França, Bélgica (com visita à grandiosa Exposição Universal de Bruxelas, Luxemburgo, Alemanha, Austria e Suíça, seguiu no pretérito dia 10, a Ex.ma Sr.a D. Rosa Herminia Rodrigues Pereira, virtuosa esposa do nosso velho amigo e conceituado comerciante sr. José Maria Pereira.

Desejamos à illustre viajante as melhores felicidades

A palavra *carta* significa *documento* e daí vem *cartulário* que o mesmo é que *documentário*.

Se quanto à instituição monacal de Fiães não encontro fontes anteriores ao século doze, quanto à igreja que nos resta posso afirmar que é obra dos fins desse século, pelas referências que a seu tempo veremos. Não vejo motivo para se afirmar que é anterior à nossa nacionalidade como já se tem feito neste jornal.

Porque daqui amanhã alguém poderá consultar o mesmo cartulário como agora o fiz, terei o cuidado de citar as folhas em que se encontram os documentos citados.

Na ordem cronológica apparece-nos o primeiro documento a fls. 5 v.º e 6. Com a data de 12 de Dezembro de 1142. E' um Fernão Tedão que lega ao mosteiro de Santa Maria de Fiães, onde professou, um casal sito em Doma (Cristóval) que adquiriu ao Cabido da Sé de Tui por um mulo avaliado em setenta moios. O doador historia as transferências do casal nos últimos cinquenta anos para que a posteridade possa verificar a posse legítima que confere ao mosteiro. De especial no fecho do documento vem a citação do rei Afonso, bispo D. Paio em Tui, governador de Valadares Afonso Pais, arcebispo Nuno Modelos, Abade João e seu convento confirmam.

Vê-se que Portugal chegava aos limites actuais, porque Doma é um lugar da freguesia de Cristóval junto do regato que nos divide da Galiza.

D. Afonso Pais é o grande benfeitor do mosteiro que nos vai aparecer muitas vezes, e D. João é o primeiro abade conhecido que muitos anos presidiu aos destinos do mosteiro.

(Continua)

P.e M. A. Bernardo Pintor

Melgaço há cinquenta anos

Porque o tempo na sua marcha veloz tudo muda e nada poupa... advinha-se já que em 1908 o aspecto da Vila de Melgaço, tanto nas coisas que desapareceram como nas pessoas, era outro, muito outro, que o de nossos dias. Se era... Muito embora o pudesse fazer e até com bastante conhecimento de causa, não vou agora lembrar ou apontar coisas que desapareceram

outras que se transformaram, ainda outras que surgiram à luz da ribalta, em suma, toda a transformação material que o nosso burgo subiu no decurso destes cinquenta anos rodados, mas tão somente, evocar nesta descolorida e desprezível crónica as pessoas que naquele ano de 1908 desempenharam em Melgaço cargos públicos e outros, as quais à excepção do sr. Mâncio

do Nascimento Marques Pereira, segundo creio, estão já todas no mundo donde se não volta mais. Se, porém e por acaso, alguma outra vive ainda... pois que Deus a conserve neste vale de lágrimas por muitos anos e bons.

Ora, como ia dizendo... naquele ano de 1908, era juiz da Comarca o dr. Salvador Ribeiro, delegado do Procurador Régio na mesma o dr. Miguel Homem d'Azevedo Queiroz Sampaio e Melo, escrivão; de circuito Jerónimo Casimiro Alves Monteiro, Miguel Augusto Ferreira e, interino, Miguel Frederico Pita de Vasconcelos, officia's de diligências Manuel Luís Lopes (Manelito), que também tinha o encargo de dar corda ao relógio do castelo, Joaquim António Vaz e Mâncio do Nascimento Marques Pereira; substitutos do juiz de Direito: 1.º Frederico Augusto dos Santos Lima, 2.º Domingos Ferreira de Araújo e 3.º Gaspar Eduardo de Almeida; juizes de paz: 1.º Francisco Rodrigues Barreiros, 2.º Francisco José Pires e 3.º António Joaquim Esteves; jurados pelo circulo da Vila Joaquim d'Egas Afonso (Pata-rica); tabelião Aurélio Augusto Vaz; conservador do Registo Predial o dr. Augusto César Ribeiro Lima; administrador do concelho o dr. António Pereira de Sousa, secretário da administração Duarte Augusto de Magalhães, amanuenses da mesma Rafael Paulo Fernandes e José Maria de Sousa Pinto; regedor efectivo José Cândido Lopes, idem substituto João Baptista Reis; presidente da Câmara João Pires Teixeira, secretário e amanuenses da mesma, respectivamente António Xavier Ribeiro de Figueiredo e Castro, Maximiano Augusto de Magalhães e Albano Augusto Pereira, aferidor de pesos e medidas João Baptista de Carvalho; chefe da Repartição de Finanças António Valeriano, escrivão da mesma Luís Augusto da Silva e tesoureiro Caetano José Mosqueira de Almeida; comandante da Secção da G. Fiscal Manuel F. da Costa Bandarra; chefe da estação telégrafo-postal Carlos Alberto de Sousa; professor da escola official António Vitorino da Cunha; provedor e tesoureiro da Misericórdia, respectivamente, Frederico Augusto dos Santos Lima e Justiniano António Esteves; provedor-honorário da mesma José Cândido Gomes de Abreu; director clinico do Hospital o dr. Francisco Luis Rodrigues Passos; pá-

roco rev. Manuel José Domingues, sacristão Diogo Manuel Pinto, cujas funções alternava com seu filho Abílio César Pinto; presidente da Associação de Socorros Mtuos Centro Artístico Melgaçense Francisco José Pires; vice-consul de Espanha Francisco António Esteves, idem do Brasil José Ferreira Las Casas, idem da Turquia Frederico Augusto dos Santos Lima; regente da «Musica Nova» Alvaro Fernandes Gomes; idem da do «Centro Artístico Melgaçense» Rafael Paulo Fernandes e médicos municipais drs. António Pereira de Sousa e Vitoriano da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro.

Para concluir, vejamos agora o destino de quase toda esta gente.

Miguel Augusto Ferreira faleceu em 20-8-1910; Miguel Frederico Pita de Vasconcelos, em Benguela em Setembro de 1928; Domingos Ferreira de Araújo (farmaceutico) em 14-4-1921; Gaspar Eduardo de Almeida em 14-1-1909; Francisco Rodrigues Barreiro (também farmaceutico) em 29-9-1911; Francisco José Pires em 20-6-1927; António Joaquim Esteves em 30-10-1952; Joaquim d'Egas Afonso (Pata-rica) em 30-6-1914; Aurélio Augusto Vaz, no Barbal, em 5-4-1934; dr. Augusto César Ribeiro Lima em 6-11-1936; dr. António Pereira de Sousa em 16-5-1914; Duarte Augusto de Magalhães em 9-7-1951; José Cândido Lopes em 28-2-1919; João Baptista Reis em 20-5-1931; José Maria de Sousa Pinto, em Remoães, em 11-1-1951; João Pires Teixeira em 27-10-1932; António Xavier Ribeiro de Figueiredo e Castro em 9-2-1954 seu irmão dr. Vitoriano da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro em 6-8-1951; Maximiano Augusto de Magalhães, na Barqueira, em 28-9-1935; Albano Augusto Pereira, em Paços, em 2-5-1936; João Baptista de Carvalho, na Carreira, em 2-5-1951; Carlos Alberto de Sousa em 15-1-1917; prof. António Vitorino da Cunha, em Chaviães, em 14-7-1945; José Cândido Gomes de Abreu em 16-11-1908; Justiniano António Esteves em 2-7-1926; Caetano José Mosqueira de Almeida em 26-6-1910; P.e Manuel José Domingues em 1-3-1952; Diogo Manuel Pinto em 14-1-1920; seu filho Abílio César Pinto em 26-10-1918; Francisco António Esteves em 21-9-1914; dr. Francisco Luis Rodrigues Passos, em 9-7-1914, e José Ferreira Las Casas, em Lisboa, em Dezembro de 1941. — (Do «Meu Ficheiro»)

Prado

(Continuação da 4.ª Pág.)

os instrumentos que serviam para torturar os mártires e mostrando-os ao nosso santo disse-lhe:

—Ou sacrificas a nossos deuses ou padecerás tu só muito mais do que até aqui padeceram todos juntos quantos professaram a tua infame seita!

—Os vossos deuses, senhor, respondeu Lourenço, nem sequer merecem as banais honras que se tributam aos homens quanto mais a minha adoração. Pouca influencia exercem esses instrumentos de crueldade sobre quem não teme os supplicios pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Convenceuse o imperador de tirar qualquer partido do santo diácono, pelo que ordenou que o reconduzissem à prisão, ficando encarregue da sua guarda Hipólito, um dos principais officiaes da guarda imperial, em cujo animo haviam feito já profunda impressão as palavras e a modestia de Lourenço, e a quem os milagres que este fez na prisão acabaram de o converter à fé de Cristo, cuja fé heroicamente confessou em 13 de Agosto do já referido ano de 258, em que recebeu a gloriosa palma do martirio, não sem primeiro ter convertido e baptizado sua ama Santa Concordia. (continua)

Acaba de realizar-se nesta freguesia a festa em honra de N.ª S.ª de 'Fátima com commuñão solene das crianças, a qual, como em devido tempo noticiai, depois de precedida do triduo pregado pelo rev. Júlio Ferreira de Azevedo, de Barboita, consistiu, ontem, numa deslumbrante procissão de velas e sermão pelo mesmo orador, e hoje, às 9 horas, missa resada para a distribuição da Sagrada Communhão, e missa solene a grande instrumental com sermão pelo já referido orador, às 11 horas, saindo de tarde uma luzida procissão na qual se incorporou numeroso figurado alegórico. Foi abrilhantada pela música de Mestre Eugénio Gonçalves Pereira e pela «Cabile Sonora de Valença», sendo a concorrência de forasteiros diminuta porque o dia foi de inverno implacável—chuva e frio tão agrestes como no mês de Janeiro.

—Chegada do Porto, encontra-se na sua vivenda desta freguesia a bondosa Senhora D. Isolina de Moura Gomes. Muito boas-vindas. —C.

A Festa de Santa Rita

Maio, 27.

Grandiosas festas a Santa Rita em Rouças (Melgaço)

—Realizaram-se ontem as tradicionais festas e romaria em honra de Santa Rita com extraordinária concorrência de povo, mas, dum modo particular de devotos com as suas valiosas ofertas, em cumprimento de promessas.

Não posso descrever na íntegra tudo que ali presenciei, limitando-me, portanto, a noticiar os actos de maior vulto.

Pelas 9 horas chegou Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. Vigário Geral para presidir às solenidades religiosas.

Da capela do Preto, assim é o seu título, saiu uma magestosa procissão para o sumptuoso Santuário onde se venera o culto da gloriosa Santa, incorporando-se todas as irmandades e associações, clero em grande número e banda de música.

As imagens de Santa Rita e Senhora da Fátima, seguiam em dois elegantes andores.

Após a entrada no templo, o sr. Vigário Geral, que se dignou vir dar brilho a esta festividade fez uma fervorosa allocução aos fiéis aglomerados em grande massa, incitando-os a seguirem o exemplo santificado de Santa Rita, a fim de alcançarmos o caminho do Céu para junto de Nosso Senhor.

Seguiu a santa missa cantada a grande instrumental pela capela da mesma Banda, e, na devida altura subiu ao púlpito o conhecido orador sagrado e compositor musical, notável em obras sacras, sr. P.e Benjamin Salgado, tendo feito um sermão alusivo à vida santificada da gloriosa Santa.

No final saiu a magestosa procissão, e, assim terminaram os actos do culto.

Hoje de tarde grande leilão de prendas e ofertas de valor, cujo produto se destina às despesas da festa e obras na capela.

Abrilhantou a festa a Sociedade Filarmónica de Moreira do Lima, sob a regência de Daniel Leones e dirigida por Diogo José de Oliveira, ex-regente da Banda de S. Martinho da Gandra. A Banda executou de tarde concertos, tendo agradado, e tanto assim, que, já ficou contratada para a grande romaria de S. Bento, em Fiães, no dia 11 de Julho e para o dia 3 de Agosto, para a concorrida e tradicional festa da Senhora da Vista, junto à fronteira de Espanha.

Ora, não podemos deixar de manifestar a nossa admiração pela forma ordeira, como tudo correu e sem a presença de nenhuma autoridade fardada e de "cano furado" às costas, não obstante haver ali vinho da região com fartura e muito bom, porque também o provamos.

O sr. Arcipreste, rev. P.e Carlos Vaz, pároco daquela freguesia, pode orgulhar-se de ter um rebanho tão obediente e cumpridor das suas recomendações, como tivemos ocasião de observar.

Finalmente, tudo correu às "mil maravilhas" graças a Deus.

O Santuário, recentemente construído, inaugurado o ano passado, mas ainda por concluir, cujo assio e grandeza só visto, onde se venera o culto a Santa Rita, pode dizer-se o orgulho daquela gente e dum modo particular dos beneméritos e da actividade do sr. P.e Carlos Vaz, achando-se as fotografias dos benfeitores na sacristia.

E posto isto, vou terminar, mas em antes, ainda tenho de manifestar as saudades e recordações que trouxe gravadas no coração daquela tão linda e encantadora festa. (Do correspondente de Gandra para o «Diário do Minho»)

○ Problema Escolar na Vila de Melgaço

III

A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO

Uma vez mais deixamos correr o tempo em busca de reacção à nossa última "carta", de 15 de Março. Conventidíssimos estamos agora, da Justiça que nos assiste quanto ao local da implantação do Edifício Escolar, que não poderá, nem deverá ser outro, senão o previsto no "Plano de Urbanização". E de resto é essa a opinião do técnico ou técnicos responsáveis, do urbanista ou urbanistas, que não são positivamente leigos como nós e muitos outros, no assunto e na matéria. E o nosso convencimento da Justiça, vem da série de aplausos que temos recebido de todos os lados, dos sectores mais díspares. Torna-se consolador, para quem escreve estas notas regionalistas, o apoio moral que lhe dão, especialmente os mais pequenos com a exclamação — vulgar e simples: — "se o terreno fosse meu, já lá estava!"... Pedem-nos a continuação desta campanha construtiva, com votos que Deus nos ajude. Não será preciso tanto!...

Da sua construção e no referido local, só benefícios podem advir para a Vila, além dos mais o arranjo urbanístico daquele ponto. E isto, no que se refere ao capítulo "construção", porque ao de "necessidade", nem a ele vale a pena aludir; e o primeiro, arrasta-se, pela secundaríssima circunstância de "local". E julgamos ter provado exuberantemente que a circunstância da proximidade duma estrada de mais ou menos movimento, pelos exemplos apresentados com outras terras, não colhe e não conta. Nem mesmo a existência, mais ou menos perto duma "Central" de camionagem. Temos pena que o jornal não possa apresentar reportagem fotográfica, para assim se verificar, o escasso movimento, se possível, mas com verdade, porque a fotografia é susceptível de dela se tirarem muitos efeitos. Evidentemente, por exemplo, se a fizéssemos num dia de feira, seria mais expressiva e não nos diria que as referidas feiras, tem lugar aos sábados, dias em que é menor o movimento escolar.

Não vemos, por mais que encaremos o problema duma forma ou de outra, razão para alteração dum "Plano", que custou dinheiro, dinheiro que em parte, pelo menos, é dos munícipes. Já o afirmamos por mais que uma vez.

As circunstâncias de aplausos e incitamentos; a previsão e a indicação do local pelos responsáveis; a opinião geral, que nos parece pensar desta maneira; o próprio embelezamento dum local da vila; a comodidade para as crianças, dá-nos ânimo para mais, para um pouco mais. E este "pouco mais" é chamar a atenção do Excelentíssimo Senhor Presidente do Município, a quem, como cidadão ordeiro que somos, apresentamos os nossos respetos ao mesmo tempo que lhe pedimos que não descure este problema e que Sua Excelência tenha em vista que a alteração que se pretende, ou pretendeu, não nos parece ter o apoio geral e da maioria e, pelas circunstâncias, ou pela maneira como a questão tem sido ventilada, cairá mal.

(Continua na 2.ª página)

S. Paio

Vão realizar-se grandiosos festejos ao Padroeiro desta freguesia nos próximos dias 7 e 8 do corrente. Consta que serão deslumbrantes.

— Também em 14 e 15, se efectuarão grandiosas solenidades ao apóstolo Santo André, na sua ermida, por cima da Carpinteira.

— E em 12 e 13, na Matriz parochial, festejar-se-á Santo António, o santo português que nasceu em Lisboa e faleceu em Pádua (Itália), em 1232.

— A seu pedido, foi transferido da Direcção de Finanças da cidade da Guarda para a Secção de Finanças do concelho de Paredes de Coura, o sr. António Fernandes, da Carpinteira. Parabéns e felicidades.

— Os preços dos géneros estão a ser especulados. Pedem-se à I.G.A. uma severa fiscalização.

— Voltou o mau tempo que muito tem prejudicado. — (C.).

Prado, 25

Tirado S. Sisto para o suplicio e com ele seus Santos diáconos Felicíssimo e Agapito e subdiáconos Sots Januário, Magno, Viêncio e Estevão, afim de serem decapitados na Via A'pia, logo Lourenço se lhe arroja aos pés e entre lágrimas diz-lhe:

— Meu Santo Padre, os tesouros da Igreja que me confieste já estão entregues em mãos boas e seguras, pelo que nada mais me resta fazer que servir-vos de ministro no sacrificio da vossa vida que ides oferecer ao Senhor!

Ao que o Santo velhinho respondeu:

— Devido ao peso dos meus anos, não permite o Senhor que eu sofra grandes tormentos, mas a ti, meu filho, reserva-te Ele uma assinalada vitória que fará célebre em todo o mundo o teu martirio!

Os soldados que escoltavam os martires, ao ouvirem falar de tesouros, foram dar parte ao imperador, dizendo-lhe que aquele moço era cristão e detentor de grandes riquezas. Valenciano, levado pela curiosidade das tais gonçadas riquezas e pela sede de sangue cristão, ordenou que o prendessem e sem demora lho trouxessem à sua presença.

Preso, pois, e levado à presença do príncipe e por este interrogado, o nosso santo respondeu não só modesta e respeitadamente, mas também intrépida e desasombradamente, dizendo que era cristão e diácono da Igreja Romana. Perguntou-se-lhe onde estavam os tesouros de que falara, ao que prontamente respondeu, dizendo que se lhe fosse dado o tempo preciso logo os mostraria. Foi-lhe então concedido o prazo de um dia.

S. Lourenço foi, percorreu os subterrâneos e outros pontos de Roma, juntou todos os pobres que pôde e, à frente daquela turba andrajosa, apresentou ao imperador dizendo-lhe:

— As vossas ordens foram obedecidas, senhor; aqui vos apresento, portanto, as principais riquezas dos cristãos — os verdadeiros depositários dos tesouros da Igreja!

Valeriano, que esperava tu do menos isto, furioso por ter sido ludibriado, ordenou que o temerário arrojo do illustre arcediágo fosse imediatamente castigado com os maiores e mais requintados suplicios que se pudessem

Carta de Paris

Ex.mo Sr. Director de "A Voz de Melgaço":
Os meus sinceros cumprimentos.

Antes de mais preâmbulos quero pedir desculpa ao Sr. P.e Júlio e a todos os leitores de "A Voz de Melgaço" pelo meu não cumprimento de palavra. Na presente hora estou culpado e, portanto, dou a mão à palmatória, pois há já mais de um ano que prometo "Cartas de..." e, até hoje, nem o mínimo sinal. Mas, graças a Deus, os velhos amigos de "A Voz de Melgaço" nunca se esqueceram dos seus e do pequeno torrão que nos embalou nos primeiros tempos de infância.

Portanto, hoje, aqui estou presente.

Como sabe, Sr. Director, é esta a primeira vez que, do estrangeiro, me dirijo a V. Rev. e a todos os amigos de "A Voz de Melgaço". Talvez que esta minha ausência, tam prolongada, tivesse sido notada por alguém, mas estou convencido que não por muitos, pois os pobres são sempre os pobres e os ricos, esses, .. serão sempre ricos.

No entanto mais uma vez aqui estou, sempre pobre e desmantelado...

As minhas primeiras e descoloridas frases são, portanto, de simples saudações para V. Rev. e a todo o corpo Redactorial, todos os colaboradores, correspondentes, assinantes, leitores e amigos de "A Voz de Melgaço" e para todos os meus conterrâneos e, num particular mais saudoso, para toda a minha família.

Queria eu, nesta hora... ser um romancista ou cronista para num fraseado não muito longo, mas colorido esplanar tudo quanto eu vivo, mas como fazê-lo, sendo tam rudo e tam janático? Isso seria tarefa dificultosa para mim.

Oh! saudades!... saudades! Quantas!... quantas! Mas... lutar com todas as adversidades e expor-nos a todas as intempéries é divisa de todos quantos, como eu, deixamos nossos lares, nossos pais, nossos filhos, nossas esposas, todos os demais, a aldeola, o concelho... o Portugal calmo e florido.

O ser pobre é triste, muito triste! E, além disso, quantos vêm e não voltam! Trabalha-se... sofre-se... e... morre-se!

Ainda bem que de vez em quando chega uma carta da família, um companheiro que regressa, uma boa-nova que nos faz respirar mais desafogadamente.

E "A Voz de Melgaço"?

Sr. Director, quanto a isso tenho a dizer-lhe que me tem faltado muitos jornais. Peço, portanto, a V. Rev. e a tomar providências sobre o caso.

E porque é que "A Voz de Melgaço" tem, pelo menos, um correspondente em cada freguesia, e só da... é que não vejo notícias?

E Melgaço avança, conserva-se ou recua?

E melhoramentos rurais?

E, por hoje, Sr. Director, não me alongo mais. Até à próxima, aguardando as vossas informações. O velho amigo de "A Voz de Melgaço" e de V.

J. M. R.

Santa Rita

EMBORA SE NAO TIVESSE APURADO O PRODUTO TOTAL DAS ESMOLAS DO DIA DA FESTA DE S. RITA, JA' SE CONTA-RAM, 24.600\$00.

imaginar, no que foi prontamente obedecido.

Começou, então, o heroi cristão por ser violentamente acoutado como o mais vil de todos os escravos. Depois o imperador mandou trazer à sua presença todos

(Continua na 3.ª Pág.)

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:

F. J. JULIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:

CARLOS ANTONIO VAS

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XIII

Melgaço, 15 de Junho de 1958

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 16.

Câmara Municipal do Porto

EXEMPLO A IMITAR

Há alguns anos, e de escolha do que foi illustre e activo governador civil do Porto, o sr. dr. Domingos Braga da Cruz, está à frente da Câmara do Porto o sr. eng.º José Vaz.

Era funcionário distinto da mesma Câmara, quando o chamaram ao exercício das suas novas funções.

Muito judiciosamente lançou-se sobre o estudo da vida, actividade e movimento da Câmara do Porto, convencido, e muito bem, de que o Presidente da Câmara é o primeiro servidor do Município e o último a receber as honras, certo de que tem de ser, uma expressão do velho "homem bom" em quem os munícipes confiavam, e não o burocrata, que despacha por officio e que recebe os proventos por conveniência.

Do estudo feito colocou-se no lugar que melhor serve qualquer concelho, seja este Concelho o de Lisboa, o do Porto ou o de Melgaço.

O seu plano inicial abedeceu a duas forças:

- 1) conclusão das obras em curso; e
- 2) concluídas as obras, em curso, estudo de um plano de actividades consoante a hierarquia das necessidades e direitos das populações.

E a obra da Câmara do Porto, da presidência do sr. eng.º José Vaz, está patente, a todos os críticos, de todas as fações e matizes.

Se uma Câmara, como a do Porto, com grandes receitas, usou destas precauções, aliás, justas e louváveis,
(Continua na 4.ª página)

PRADO S. LOURENÇO (4)

Logo que o nosso santo herói entrou no cárcere, todos os cristãos que ali estavam, se lhe lançaram aos pés, e um deles chamado Lúcio, que cegara há muitos anos, tomou-lhe a mão e levando-a aos olhos recuperou milagrosamente a vista, sendo então que Hipólito, testemunha desta maravilha, pediu o baptismo; e não foi esta a única conquista de Lourenço durante o seu heroico combate, pois outros se lhe seguiram.

No dia seguinte, logo de manhã, por ordem do imperador, Lourenço foi apresentado ao tribunal de Cornelio, prefeito da cidade de Roma, que primeiro com afagos e promessas e depois com ameaças lhe ordenou que sacrificasse a Júpiter, ao que o Santo, desasombrado e

terminantemente, se recusou.

Então, estenderam-no no cavalete e, com instrumentos de requintada desumanidade, deslocaram-lhe os ossos, e despedaçaram-lhe as carnes com *escorpões* (cortias chumbadas). Pensou o herói-mártir expirar neste cruel tormento, mas ouviu uma voz celestial dizer-lhe que o reservava Deus para mais gloriosa vitória obtida à força de maiores suplícios. Assevera-se que esta voz foi ouvida por todos os circunstantes e que o prefeito para desvanecer a impressão que a mesma podia causar neles exclamou:

— Olhai, romanos, olhai como os demónios veem em socorro deste charlatão que não tem os deuses do céu nem os príncipes da terra,

mas vemos se os seus suplícios são superiores aos rigores dos tormentos!

E ordenou que os suplícios fossem applicados com redobrada violência.

Então Romão, que como soldado da guarda imperial assistia ao interrogatório e ao supplicio do santo diácono, admirado com tão cruenta desumanidade e mais impressionado com a constância e serenidade do mártir que tudo suportava sem soltar um único queixume nem erramar uma só lágrima, mas antes com visível alegria e boa disposição, viu um mancoço duma beleza resplandecente que com um lenço enxugava o suor que escorria do rosto do Santo e o sangue que lhe manava das chagas.
(Continua na 3.ª Pág.)

Depois da campanha eleitoral Perguntas oportunas Eleições Presidenciais

“Donde vieram os 4.500 contos em dólares que, só num dia, sem turismo, foram trocados nas casas de câmbio de Lisboa?

Donde vem o dinheiro para a propaganda das oposições?

Donde o dinheiro com que, em Braga e no Porto, por confissão dos próprios, se pagava a cada arruaceiro, de 20 a 50 escudos, por manifestação?

Por que andavam francezes, em Braga, metidos no meio dos arruaceiros, por ocasião dos assaltos e ataques à mão armada contra pessoas e casas?

Por que se uniram os grupos dos dois candidatos da opposição, ficando o Sr. General protegido e apoiado pelos comunistas?

Por que ficaram inactivas, em casa, certas comissões da União Nacional?

Por que se deixou afixar nas sedes da União Nacional o retrato e a propaganda do candidato da opposição?

Até quando continuará a União Nacional a ser o cavalo de Troia por onde qualquer safado pode vir atraiçoar o pensamento do 28 de Maio e apunhalar a situação pelas costas?

Quando se resolverão os responsáveis da Política a remediar certos males remediáveis, a ouvir e atender as

(Continuação da 2.ª página)

Conheçamos a nossa terra

LXXXII

Mosteiro de Santa Maria de Fiães-3

Vimos a doação feita ao mosteiro de Fiães em 1142. Passados dez anos, aparece-nos outra no cartulário a fls. 12 v.º. E' o presbítero Diogo que deseja ir repousar eternamente no chão sagrado do mosteiro, como se depreende: Lega-lhe com seu corpo a terça parte da vila de Vilela para sufrágio de sua alma, o que exprime em breves palavras, seguindo-se a escritura pela qual veio ao seu poder essa terça parte que em boa paz e voluntariamente lhe transmitiu Pedro Pais por dez moios com um encargo interessante: se Pedro Pais falecer primeiro, o padre Diogo deve cantar missas um ano inteiro por sua alma, e se falecer primeiro o padre Diogo, deve a herança ficar de novo para Pedro Pais, como a ambos aprouve combinar, estando o preço já satisfeito. Governador da terra (Valadares) Sueiro Aires, rei Afonso em Portugal, bispo Paio em Tui e arcebispo da terra Nuno.

Sueiro Aires, senhor de Valadares, era homem de armas do nosso primeiro rei e vai aparecer-nos em mais documentos.

A fls. 18 encontra-se uma escritura de metade de uma herança em Gondufe (freguesia de Paços) com seus edifícios doada ao Santo Hospital de Jerusalem em 18 de Junho de 1155 por Nuno Dente e seus filhos para esmolas aos pobres, devendo ser sempre cultivada pelos seus

(Continua na 4.ª página)

Da Vila

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Junho, 10.

Pessoa amiga da moral e da prática dos bons costumes, lembra-nos que chamemos aqui a atenção de quem de direito para que severamente seja reprimida a onda de palavrões e gestos obscenos que as pessoas honestas, sempre que tenham de saír à rua ou assomar às janelas de suas residências, a todo o momento, estão sujeitas a ouvir das suas bocas de certa cáfila de malandrins, que sem o menor respeito por pessoas, sexos ou idades, *urbi et orbi* despeja impudicamente o seu imoral vocabulário.

Efectivamente, o apelo é justo, sensato e de flagrante oportunidade, pois esta matulagem de cultivadores do palavrão e outras immoralidades progride *al hermozo* sol de Melgaço, onde, como em terra conquistada, parece ter assentado sólidos arraiais, sem que até ao presente a autoridade tenha sido capaz de lhe embargar o passo. A qualquer hora e em qualquer lugar, chovem no espaço palavrões e ditos soezes, quase sempre acompanhados de gestos obscenos, capazes de fazerem corar de vergonha a mais descarada rameira.

Certo que este cancro não é de fácil estirpação; no entanto, quere-nos parecer que se as dignas praças da G. N. R. lançassem mão dum ou dois destes "bocas sujas", os apresentassem no tribunal e aqui — tal como age o mereíssimo juiz do Tribunal de Polícia do Porto, sr. dr. António Quintela — lhes fosse aplicada a *receita da casa...* já não diremos que o mal apontado fosse completamente banido do nosso meio, mas temos, isso sim, a certeza de que o mesmo ficaria muito atenuado. E' que quando as barbas do visinho ardem... cada qual cuida em pôr as suas de molho.

Crispino

O vinho... Desde há algum tempo que o vinho entre nós se vem vendendo pela módica quantia de 6\$00 o litro, e promete não ficar por aqui, pois segundo nos dizem há lavradores que já pedem 3.000\$00 pela pipa. A 2.500\$00 já eles a vendem...!

O vinho... como está desactualizado aquele estafado slogan que dizia:

"Beber vinho é dar pão a um milhão de portugueses.."

Hoje beber vinho não é dar pão a um milhão de portugueses, mas tirá-lo à metade da população, pois, pelo preço que está, quem comprar vinho não poderá comprar pão.

Interessante, porém, é o caso do vinho português que tem sido exportado para França estar-se a vender ali, em Paris, a 116 francos o litro (7\$00 aproximadamente) relativamente mais barato do que entre nós, se atendermos a que naquela cidade um *manoeuvre* (servente) ganha 350 francos por hora, com o que pode comprar três litros de vinho, ao passo que o mesmo aqui terá de trabalhar duas horas se quiser refrescar as goelas (com um litro de ver-dasco).

Mercado semanal — Realizou-se, nesta Vila, no passado dia 7, o costumeado mercado semanal no qual se vendeu:

Milho a 11\$00 o meio decalitro; centeio a 12\$00, idem; feijão branco a 14, 15 e 16\$00, idem; feijão rajado a 12 e 13\$00, idem; batatas a 2\$00, o quilo; cebolas (da região) a 1\$00, o molho; galos, galinhas, frangos e franguinhos, desde 30, 25, 20 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos a 8\$00, a dúzia; sardinhas a 4\$00, idem, e carapau grande a 6\$00, idem.

Não faltaram produtos hortícolas, especialmente cenouras, alfaces, favas e ervilhas a preços razoáveis.

Futebol — Em retribuição de visita, deslocou-se, no pretérito dia 25 do mês findo, a Paredes de Coura, onde, em desafio amigável, enfrentou o grupo local "Formariz Atlético Clube", o aguerrido grupo desta Vila "Sport C. Melgaçense", que safu vencedor por 5-1, números que bem demonstram a diferença da categoria do visitante sobre o visitado e que por isso dispensam comentários.

O tempo e a agricultura — Até 6 do corrente, inclusive, outra coisa não fez senão chover contínua e torrencialmente; de modo que as uvas, cujo ciclo de polivização se fez nessa altura... podem considerar-se semi-vendimadas — proveito dos produtores, que se a colheita for escassa terão, assim, mais um ano de lucros chorudos.

— As terras, se alguma dificuldade tiveram em ser lavradas, estas foram devidas ao mau tempo, que não à

Depois da campanha eleitoral

(Continuação da 1.ª página)

críticas construtivas e fundamentadas, a corrigir erros em que todos os homens podem cair?

Quando deixará o Governo de ser padrinho, para quem, nos lugares públicos, na Organização Corporativa, o atraíção, e padraço para os amigos dedicados de sempre?

Por que é que só agora nos dizem quem era Humberto Delgado, sob o ponto de vista religioso e sob o ponto de vista nacionalista, e não pensaram nisso antes de lhe darem os lugares de representação oficial que ocupou em vários sectores de grande responsabilidade?

Para que serve afinal a informação secreta? Para apodar de comunistas os que sabem servir e passar atalhos de bom serviço aos vários Humbertos de que a Administração Pública está cheia?

Estamos cansados de falar claro quando nos deixam. Não é a adular Salazar que se serve a Nação mas colaborando lealmente com ele e dizendo-lhe franca e respeitadamente a verdade, ainda quando a verdade não é agradável.

E' tempo de o Senhor Presidente do Conselho se libertar de camarilhas de aduladores para se cercar de quem, desinteressadamente, saiba, a seu nobre exemplo, ainda à custa dos maiores sacrifícios, servir os superiores interesses da Nação".

De «A Voz de Domingo» — semanário católico de Leiria — em 8 do corrente.

No rescaldo

Passada a eleição presidencial não faltará quem julgue ter chegado a hora de regressar ao sossego. Nessa maneira de ver, nada de especial, de novo haveria a pensar, nada a modificar, a resolver, a fazer. Exactamente como já outras vezes tem acontecido.

Mas a História ensina que foi sempre erro descansar sob os loiros da vitória. O período eleitoral vêmo-lo agora apenas como uma sondagem feita, um revulsivo aplicado, que veio revelar muitas coisas, boas e más, desfazer ilusões, indicar tarefas, tirar conclusões.

Não temos aqui uma função política. Por isso mesmo, não nos compete tirar conclusões ou apontar rumos nessa esfera. No terreno patriótico, religioso e social em que nos situamos, exercemos todavia uma missão de orientar, de que não podemos demitir-nos.

A primeira revelação dada pelas duas forças adversas, em ardor e meios de combate, em vivacidade, chamemos-lhe só assim, de propaganda, em movimentação e mesmo excessos de multidões e finalmente em votos, foi a duma profunda divisão na opinião pública, na população, e também em cada um dos seus vários sectores. Nenhum destes, de qualquer carácter que seja, se manteve isento, inteiramente unido.

Já se sabe que basta a coexistência de dois homens, para tornar possível e provável a divisão. Mas assim, com esta paixão, em tão vivo contraste com um passado ainda recente, o caso revela causas profundas que urge estudar e remediar, certo como é que uma nação não pode progredir, nem sequer viver, sem união, verdadeira união ao menos no essencial entre os seus habitantes, e sem uma sincera confiança entre o governo e o povo. As tristes consequências da desunião, sempre geradora da desordem, está aí à vista, neste momento, em diversos países, com todo o seu cortejo de desgraças.

Esse estudo revelará, por um lado, a presença maléfica de elementos, de atitudes, de processos que têm de ser eliminados. Será a atmosfera de sedição que se respira em todo o Mundo, a propaganda e a organização e a exploração ao serviço do comunismo internacional e do imperialismo russo, os abusos de capitalistas, de políticos, até de autoridades sem zelo nem competência, de perturbadores qualquer que seja a sua cor, a ambição, o ódio e a ganância dos piores, a tendência impenitente de desordeiros. Com todos estes não poderá haver transigências, uma vez bem identificados.

(Continua na 3.ª página)

falta de braços, pois em Melgaço, graças a Deus, todos os anos, em média, atingem a maior idade cinquenta varões; e, além disso, as nossas mulheres não deixam ficar seus créditos por mãos alheias. Honra-lhes seja...!

Efemérides

Em 26 de Junho de 1483, por cartas de D. João II, dadas de Evora, Fernão de Castro foi nomeado alcaide-mor de Melgaço e Castro Laboreiro.

Este alcaide-mor, que foi casado com D. Joana de Azevedo, era filho do alcaide-mor das mesmas praças — Martim de Castro, neto de Diogo Gonçalves de Castro, que também gozou os mesmos privilégios, e pai de Lopo de Castro Azevedo Silva Coutinho, 1.º Senhor da Casa do Fecho, e avô do rev. António de Castro, Abade de Rouças e herdeiro da Casa de seu pai.

Em 29 de Junho de 1749, na igreja da Vila, se procedeu à eleição dos novos oficiais para gerir a Confraria do Senhor no ano confrarístico de 1749-50, tendo saído eleitos, por pluralidades de votos, para juiz, o tenente das Ordenanças Joaquim António de Castro e Sousa Menezes, da Casa de Galvão, e para mordomos Agostinho de Fontes e António Domingues, das Carvalhigas.

Orá este Joaquim António de Castro e Sousa Menezes, que foi familiar da Santo Officio e casado com D. Margarida de Sousa, do Pombal, era filho do sargento-mor de Caminha, cavaleiro da Ordem de Cristo, etc., Diogo António de Castro e Menezes; neto do capitão de cavalos e co-fundador do Morgadio de Galvão António de Castro e Sousa Lobato; bisneto do sargento-mor António Lobato de Castro e Sousa, primeiro Senhor da referida Casa de Galvão; trineto do capitão-mor e fundador do Morgadio do Fecho, Lopo de Castro e Sousa; tetraneto de Lopo de Castro, o Velho, 1.º neto daquele Abade de Rouças rev. António de Castro. E foi pai de Matias de Castro e Sousa, avô de Diogo Manuel de Castro, visavô de D. Ana Margarida de Sousa e Castro Menezes, trisavô de Alberto Magno Pereira de Castro e 5.º avô do nosso distinto colaborador sr. Alberto Magno Pereira de Castro.

No mesmo dia e mês de 1783, faleceu, no lugar do Rego, da freguesia de Paços, o rev. Francisco Pires.

E em 30 de Junho de 1915, o empreiteiro José Manuel Alves de Oliveira, de Badim, que então andava a empregar a estrada de Paderno, arrematou por 187\$00 a construção do alpendre do lavadouro público da Vila de Melgaço.

MÁRIO

Prado, 10

(Continuação da 1.ª página)

Romão, maravilhado, mal acreditava no que via. Perguntou aos que estavam junto de si se não viam um manco desconhecido a enxugar o suor e o sangue do supplicado. Compreendendo que só ele era espectador desta maravilha, não hesitou mais no partido a tomar — resolveu ser cristão.

Aproximou-se, pois, Romão do mártir, a quem declarou o que via e o que estava disposto a fazer, pedindo-lhe encarecidamente que lhe desse a graça do baptismo. Lourenço recebeu com indizível satisfação mais esta vitória de Jesus Cristo, e, o melhor que pôde, com poucas palavras felicitou, exortou e alentou o novo prosélito. A dificuldade, porém, estava em baptizar mais este neófito porque ali não havia água e mesmo quando houvesse não seria possível ministrar este sacramento na presença daquela multidão de pagãos. Quis, porém a Providência que o imperador, sabendo da constância de Lourenço e da tranquilidade e alegria com

que ele perseverava nos supplicios, ordenou que o reconduzisse à prisão, reservando-o para tormentos mais horríveis, o que muito regosijou a Romão que logo se prontificou a conduzir ele o mártir ao calabouço, onde mal chegou, lançou mão de um jarro de água e supplicou ao santo-diácono que sem demora lhe concedesse a graça do baptismo. S. Lourenço interrogou-o acerca do perigo de morte a que se expunha e se teria coragem de confessar a Jesus Cristo nos maiores tormentos, ao que Romão respondeu afirmativamente; então o Santo achando-o suficientemente preparado baptizou-o, após o que abraçou-o ternamente e exortou-o a que se preparasse para o mártirio, o que teria lugar já no dia seguinte — 9 de Agosto — porque o novo soldado de Jesus Cristo não podendo dissimular a sua alegria e felicidade, pelo dom que Deus acabava de conceder-lhe, publicamente e alta voz começou a exclamar:

— Eu sou cristão! sim, eu

sou cristão, com o que tenho muita honra e glória!
(continua)

Estão a caminho as listas de recolha de fundos para acorrer às despesas da realização dos grandiosos festejos comemorativos do 17.º centenário do martirio de S. Lourenço. Espera, pois, a respectiva Comissão que todos os que as receberem lhes dispensem o melhor acolhimento e lhes remetam sem demora cheinhas a abarrotar... de dinheiro.

Amigos! vamos para diante!...

A propósito de listas, sobre os meus fracos ombros, tomei o encargo de preencher uma Peça, portanto, aos meus amigos, onde quer que se encontrem, o favor de me remeterem, em dinheiro ou em selos postais, o que for da sua generosa vontade para o referido fim. Amigos! botai todos na lista do Mário!...

Na vinha da Bouça, propriedade do sr. Claudino Augusto Rodrigues, junto ao caminho do cemitério, já está a ser construído por mestre João Pereira, o tanque-lavandouro da sede da freguesia.

— Da sua viagem de digressão através de vários países da Europa, regressou a sr.a D. Rosa Hermínia Rodrigues Pereira, que de toda a parte trouxe as melhores boas impressões.

— Também regressaram a esta, respectivamente, de Lisboa e do Porto, as sr.as D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa e D. Maria Rosa Alves da Silva Calheiros.

— Depois de curta estadia em casa de sua irmã D. Amábélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues, retirou para S. Pedro da Torre a sr.a D. Carolina da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira.

— De visita a sua sobrinha, sr.a D. Isolina de Moura Gomes, encontra-se aqui a veneranda Senhora D. Maria Augusta Mergulhão.

— Vindas de Ponte da Barca, acabam de dar entrada no estabelecimento do nosso amigo (sr. Aurélio Augusto Domingues (Lelo) dezasseis pipas de vinho, por sinal que é uma maravilha.

Todos ao vinho do Lelo. pois. — C.

Depois da campanha eleitoral

(Continuação da 2.ª página)

Mas, por outro lado, há-de também verificar-se através desse estudo, se não se quiser ficar fora das realidades e ser vítima duma ilusão, fatalmente tomada como intenção perversa, a verdade de certas concessões, de certas confissões, feitas durante o período eleitoral, por altas individualidades do actual regime e até do Governo, a respeito de situações que não podem ser mantidas, males que devem ser curados, do clamor alto de muitas lições dos últimos dias, da urgência imediata de renovar, reformar, actualizar muita coisa para que, diriam uns, «a revolução continue», para que, dizemos nós, a união entre os portugueses e a dos portugueses com os seus governantes se firme e desenvolva para bem de todos.

E, a seguir, o remédio, aplicado dentro de normas como estas: ver onde assiste a razão, e descoberta esta, reconhecê-la e satisfazê-la. Para tanto será necessário da parte dos homens investidos em funções de responsabilidade, de qualquer ordem que seja, auscultar a alma do povo, do bom povo português. Os mestres, os livros, a experiência, a autoridade, o saber, o gabinete, valem muito, mas não podem dispensar este contacto com o homem real, concreto, a braços com os seus deveres mas consciente dos seus direitos, a lutar com dificuldades superiores não raro às suas forças, vítima frequentemente de erros, de abandonos senão mesmo de más intenções. Poderá então verificar-se que entre os vindos para a rua a gritar e os que votaram de maneira que pareceu imprudente, uns o fizeram por maldade, outros por mau conselho, mas bastantes porque há muito esperam em vão a solução do seu pequeno problema, pequeno mas angustiante, pequeno mas vital, ou porque ninguém lhes deu remédio a qualquer mal sofrido.

A campanha não findou, começa. Há que conduzi-la não em som de guerra, mas em tom de paz e elevação humana e nela têm de entrar elementos de ordem política, certamente, mas também de ordem moral, social, espiritual.

De «Novidades» em 13 de Junho corrente

As reformas necessárias

O semanário «Guarda» assim arquiva as reformas que julga necessárias em comentário — e muito feliz — às últimas eleições presidenciais em Portugal:

«As Casas do Povo e os Grémios da Lavoura, por exemplo, são, pelas suas disposições estatutárias, sadios instrumentos de elevação económica e social e, aqui e além, conseguem essa finalidade, com louvor dos seus associados. Para que todos cumpram a função que lhes é atribuída, basta colocar na sua gerência homens moralmente probos e profissionalmente competentes. Também ali a «sementeira de ódios» é vasta e nefasta.

A organização corporativa sofre de uma rigidez excessiva, que constitui uma hipertrofia nociva, em muitos casos, dos direitos e interesses que se destina a promover e assegurar.

Na distribuição da riqueza, há muito que rever, nas taxas de impostos e mesmo na matéria colectável, sobretudo no que respeita à defesa das famílias, cumprindo com exactidão o preceito fiscal, que prevê o imposto regressivo, em harmonia com o número de filhos.

Foi agora publicado um decreto que reorganiza a concessão do abono de família aos funcionários de harmonia com a sua situação económica e número de filhos. Mas a reforma fiscal tem de ir mais longe, atendendo às massas rurais, sendo necessário estabelecer taxas de impostos progressivas sobre os elevados rendimentos das grandes empresas, evitando chocante e escandaloso espectáculo do crescimento desbalizado de fortunas pessoais e industriais, ao lado da miséria depressiva de milhares de famílias — espectáculo inadmissível no seio de uma sociedade cristã, e tantas vezes condenado pelos Pontífices Romanos e mesmo pelas mais rudimentares regras da economia social.

Mas tudo isto e o mais a que se assiste, só será corrigido através de um profundo saneamento moral, que comece na formação cristã da mocidade escolar, mas a sério, e se prolongue nos vários organismos do Estado. Tal empreendimento não é exclusiva tarefa do Governo. Não pode ser-lhe alheia a missão da Igreja, tanto mais que, não nos iludamos, a organização que promoveu a «sementeira de ódios» é menos política que setária. Fez política, porque é pela política que pode chegar à Igreja. Bastou esta amostra do movimento subversivo

(Continua na 4.ª página)



Há festa na paróquia... e Zé Careto, sacristão, depois de executar o repique do estilo, retira imperturbável.

Conheçamos a nossa terra

(Continuação da primeira página)

descendentes. Rei Afonso em Portugal, bispo Paio em Tui e Nuno Fernandes professo do Hospital (in obedientia Hospitali) em Valadares.

Aqui temos uma noticinha para a história da instituição do Hospital que houve em Valadares. Nas proximidades de Ceivães, ainda existem junto da estrada Melgaço-Monção a Casa e Quinta do Hospital.

Na ordem cronológica segue-se um documento de que não há traslado no cartulário. As minhas mãos veio para uma cópia antiga de letra gótica em pergaminho. É a demarcação do couto de Fiães feita por Afonso Pais, sua irmandade e muitos outros consortes em 19 de Agosto de 1157. Parece tratar-se de coherdeiros de antiga presúria, pois é larga a área doada ao abade João com a intervenção de 28 consortes nomeados, alguns constituindo irmandades, outros falando em seu nome e no dos irmãos que se não nomeam, e uma mãe com seus filhos. Rei Afonso em Portugal com sua mulher a rainha Mafalda, vigário particular do rei Gonçalo de Sousa, na Sé de Tui o bispo Isidoro, senhor de Valadares Suevo Aires. Fazem "documento de segurança daquele monte que se chama *Fenaldas*... aos servos de Deus abade João e sua congregação, tanto aos presentes como aos que depois deles vierem e aí perseverarem na santa vida beneditina". Os limites da doação começam em Penha de Ervilha, depois por Costa Má, até Curro de Loba, partindo pelo rio Doma, pelo vale Gaão, depois pelo outeiro da Avelera, a seguir pelo coto da Agueira e depois desde o Vidual até Penha de Ervilha e fecha aí.

Estes foram sempre os limites do velho couto enquanto ele durou. São conhecidos perfeitamente todos os pontos de referência, em que apenas há a notar que Penha de Ervilha se chama Par de Ervilha. (Par deve ser contração de *pera*, pedra). Curro de Loba é hoje Curro do Lobo. O rio Doma, que aparece neste e em outros documentos da época, chamou-se depois Várzeas e agora Trancoso. Vale Gaão deve ser o monte Gonle perto de Pousafoles. Os restantes nomes conservam-se na mesma forma. Na queda totalidade são os limites actuais. Apenas fica para além deles o lugar de Alcabça, último resto de domínios anexos ao mosteiro que se estendiam para além da fronteira em Galiza, o que melhor veremos ao falar da antiga freguesia de Rumpeçilla.

Este documento está de acordo com as informações arquivadas nas Inquirições de 1258, que o mosteiro tinha couto delimitado por padroões (marcos de pedra) e que o tinham por doação de fidalgos, mas sem carta do Rei.

O documento de que me ocupo foi conhecido de vários escritores que se lhe referem, como, por exemplo, Frei António Brandão no capítulo 17 do livro XI da terceira parte da *Monarquia Lusitana*, no decorrer da crónica de D. Afonso Henriques.

(Continua)

P. e M. A. Bernardo Pintor

Depois da campanha eleitoral

(Continuação da 3.ª página)

das ruas para se reconhecer esta advertência do grande Cardeal Schuster:

«Temos todos actualmente, um martelo sobre a cabeça, e uma foice apontada ao pescoço. Desgraçado, pois, de quem por comodismo ou cobardia, se fecha em casa, e se desinteressa da cabeça e do pescoço de tantos milhões de irmãos, expondo assim ao perigo a sua vida e a sua liberdade. Recriaria sobre o indolente ou o covarde a maldição dos livros santos contra os ausentes das guerras santas: *Maldito o que tem ociosa a sua espada para que não fira*».

Montalembert, explicando as causas da situação a que a Maçonaria reduziu a Igreja, em França, disse: «Dormimos a sono solto, enquanto o inimigo trabalhava. Quando um ruído do seu trabalho surgia inesperadamente, acordávamos, esfregávamos os olhos e continuávamos a dormir».

Que a lição aproveite aos católicos, que tanto dormiram, nestas três décadas, de paz e liberdade que a Providência lhes ofereceu, para um trabalho eficaz que lhes permitisse encarar o futuro com serenidade e confiança.

Parada do Monte, 10

Deu à luz uma criança do sexo masculino a Sr. Rosa Rodrigues. Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.a Isaura Rodrigues. Ambas do lugar da Aldela Grande.

Também deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.a Felisbela Ramos, esposa do sr. Aurelio Silva.

Terminou o mês de Maria com bastante afluência de fiéis. No dia 5 realizou-se a festividade em honra de S. António, a grande instrumental pela banda popular de Riba de Moura, sendo pregador o sr. Abade de Cristóval, que muito agradeceu.

O tempo e a agricultura: — No dia 25 e 26 do próximo passado nevou chegando a cobrir as serras de neve, o que é raro neste tempo. No dia 4 e 5 deste mês choveu e ventou — ventos ciclónicos que parecia que tudo havia de levar na sua frente. Os milhos que antes desta invernação estavam muito bonitos, não medraram. Parece que se meteram na terra. O vento fez grande estrago nas vinhas principalmente nas que estavam mais desamparadas. Os batatais estão muito bons.

Partiram para França os srs. Manuel Rodrigues e Manuel Lucena.

Eleições: — Realizaram-se nesta freguesia como em todas as terras portuguesas as eleições decorrendo nesta freguesia na melhor ordem. — C.

De Remoães

Junho, 8.

Em 15 do mês findo, na paróquia desta freguesia, recebeu as águas baptismaes o menino Alberto Augusto de Sousa e Castro, filho do nosso querido amigo sr. Teófilo Cândido de Sousa e Castro e de sua esposa sr.a Ester da Silva Castro, ao qual foi parantificação pela sr.a D. Irene de Fátima de Sousa e Castro e pelo sr. António Cândido de Campos, respectivamente, tia e primo do neófito.

Partiu para a progressiva vila do Barreiro, para junto de seus irmãos, a sr.a D. Irene de Fátima de Sousa e Castro, da Folia.

As nossas termas, já chegaram alguns aquistas, os quais vem dar uma nota de vida a este paradisíaco rincão.

Que Deus venha com muitos mais e que sejam todos bons, é o que muito desejamos e os respectivos hotelheiros e o — C.

Câmara Municipal do Porto
Continuação da 1.ª pag.

com maior razão têm de agir, da mesma forma, os municípios pequenos.

Nem a Câmara nem o Concelho são para servir o Presidente, este é que é para servir aqueles.

A cadeira presidencial deve ser considerada sempre devoluta, pelo Presidente, que a ocupa, porque quando o desejo de bem servir anima o Presidente, este deve abandonar o lugar logo que verifique que não cumpre dentro do único critério razoável: serviço do Município.

Apesar de nomeado pelo Governo, o Presidente da Câmara não pode ser nem um burocrata, nem um alto senhor que não tem explicações a dar ao Concelho.

As últimas eleições provaram, em algumas localidades, que a reacção era mais contra os Presidentes das Câmaras do que contra a política governamental.

Porque? Por causa de certas pessoas, que governam, e abusam, do "posso, quero e mando".

Isto não tem cabimento em ninguém, e muito menos num Presidente da Câmara.

Que dizer dum Presidente que dissesse que não pede nada a ninguém, para ser independente?

Pode um Presidente da Câmara deixar de ser o melhor dos diplomatas e o mais prestável dos municípios?

Por ventura pedir a alguém um serviço para o Município é depender?

Que dizer dum Presidente que não ouve a imprensa regional que é a expressão dos anseios da população?

Têm os Ministérios um funcionário incumbido de ler a imprensa, para estar a par do que pensam as populações, e haverá um presidente de Câmara que afirme não ter tempo para ler a imprensa?

O Presidente da Câmara do Porto deu uma grande lição. Copiem-lha os colegas.

J. D.

«A Voz de Melgaço» no estrangeiro

Verdun, 27-4-958.

Ex.mo e Rev.mo Senhor Padre Júlio Vaz Desejo-lhe em primeiro lugar muitas felicidades, eu fico de saúde graças ao bom Deus.

Pois Ex.mo Rev.mo Senhor Padre venho pedir-lhe a sua Rev.ma o favor de me assinar em "A Voz de Melgaço".

Envio-lhe 1.000 francos. Por isso peço o favor de me mandar quanto antes que gosto de saber notícias da nossa terra natal, da nossa saudosa e querida Pátria, que é bem verdade que estamos numa Pátria estrangeira porque a nossa vida assim o permite, mas enfim a nossa Pátria nunca nos esquece, devido a termos nascido e criado nessa terra, e além disso aonde temos os nossos filhos e parentes. Por isso tenho imenso gosto de saber as notícias da nossa terra, que são as que nos interessam, que as desta terra para nós são de pouco valor, porque não são nossas. Só é nosso o pouco dinheiro que ganhamos com muito custo e sacrifícios da vida por termos muitas dificuldades a passar. A primeira é o termos de estar longo tempo sem nossa família, a quem tanto amamos. Já que temos de andar por cá ao menos Vossa Ex.cia Rev.ma tenha a bondade de me enviar o jornal. Ao menos sei as notícias do nosso querido Portugal.

Sem mais me despeço de V. Rev.ma, enviando os mais sinceros cumprimentos.

Manuel José Pereira

Sociedade ANIVERSÁRIOS

Fazem anos: — amanhã o sr. António Barbeitos da Silva Júnior; no dia 17 as meninas Aurora Elvira Alves Morais e Maria José Inácio e o jovem Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18 a menina Maria da Conceição Bermudes; no dia 20 os srs. prof. Abílio Domingues e Alfredo Domingues; no dia 21 o sr. Emílio José de Castro; no dia 22 o sr. José Eugénio Gonçalves Pereira Júnior; no dia 23 a menina Maria Luísa Inácio; no dia 25 o sr. Manuel Augusto Pinto; no dia 26 o sr. José Manuel Gomes Calheiros; no dia 27 a menina Maria de Lourdes Morais; no dia 28 o sr. Armando Passos Pereira; no dia 29 a menina Clara de Jesus de Sousa Lobato e o sr. Manuel Pinto (Chaviães) e no dia 30 a sr.a D. Maria Joaquina Alves Sousa e o sr. Armando da Mota Solheiro.